

A Conspiração Operária

Jan Waclaw Machajski

1908

Conteúdo

A Conspiração Operária 3
A preparação do paraíso socialista ou os sindicatos legais 8

A Conspiração Operária

O que é o socialismo? O que querem os socialistas e o que combatem? A raiz do mal – dizem eles – é a propriedade privada dos meios de produção; os indivíduos que possuem os instrumentos de trabalho, a terra, as fábricas.

Mas acaso os libertadores já afirmaram que todo o mal consiste no pertencimento dos escravos a amos que se revezam na história?

Os socialistas dizem que, com exclusão dos pequenos proprietários camponeses e os artesãos que não empregam ninguém e a ninguém se alugam, e que de qualquer maneira tornar-se-ão proletários rapidamente, a sociedade contemporânea encontra-se dividida em um punhado de proprietários de terras e de industriais, coletando os frutos do trabalho de outrem; e em proletários vivendo da venda de sua força de trabalho, sendo daí que provém todo o mal. E que se fosse mudada a ordem das coisas, de maneira que a terra e as fábricas não sejam mais propriedade privada, mas pertençam a toda a sociedade, não havendo mais patrões, então apareceria a feliz república dos trabalhadores. Ninguém poderia viver do trabalho de outrem, tudo estaria bem para todos, pois a raiz do mal teria sido extirpada: a propriedade privada dos instrumentos de trabalho.

Vejam um pouco mais perto esta fábula socialista. À exceção do pequeno proprietário, segundo ela, a sociedade contemporânea representa, fora de um punhado de grandes proprietários, um rebanho único de proletários-assalariados do capital, humilhados por ele, de uma maneira idêntica, ganhando igualmente seu pão com o suor do rosto, uns com suas mãos, outros com seu cérebro... Sim! Todos produzem: os escavadores, os ceifeiros, os tecelões, os engenheiros, os professores, os contabilistas... Sim, mas alguns somente cumprem um trabalho manual de produtores-escravos, enquanto que outros vestem a farda patronal de comandantes-organizadores desta mão-de-obra e cumprem o que os amos praticaram em todos os tempos, e que realizam hoje também certos capitalistas e latifundiários.

É certo que os intelectuais, tanto como os operários manuais, devem vender “sua força de trabalho” para viver, “alugar-se” a um patrão ou a toda a sociedade, ao Estado. Entretanto, o operário vende suas mãos nuas, sua força psíquica, da qual a natureza o dotou; como qualquer animal, ele vende seu suor e seu sangue. O intelectual, enquanto isso, emprega no mercado os conhecimentos que adquiriu graças ao trabalho dos operários, assim como deles adquiriu o capitalista sua fábrica; pois, enquanto ele estudava na universidade ou viajava para “praticar” no exterior, os operários debatiam-se na fábrica, produzindo os meios para aquele ensino e formação “em favor da humanidade”. O intelectual vende aos capitalistas sua habilidade para extrair o melhor possível o suor e o sangue dos operários. Ele vende o diploma que adquiriu graças a essa exploração.

Diz-se que o intelectual não vive de dividendos, mas de seu salário, o que não passa de uma mentira. O salário do operário, obtido a partir do valor de seu trabalho pessoal, não constitui senão uma parte do valor desse trabalho, enquanto que o “salário” do intelectual não é senão uma parte do lucro patronal, uma fração do produto do trabalho dos operários. Fora da simples remuneração da energia que despende, o intelectual de “colarinho branco” usa o equivalente do valor do capital despendido (por ele ou por qualquer outro?) para sua formação, quer dizer, os dividendos, da mesma forma que qualquer proprietário capitalista.

Será que ele produz mais porque teve possibilidades de estudar à custa de outrem, em vez de trabalhar? Quanto ao operário, não pode sobreviver senão com seu salário e perpetuar ingenuamente, no mercado de trabalho, um gado laborioso, enquanto o intelectual vive como os amos e faz de seus filhos os “senhores”. Assim como o proprietário lega seus bens, o intelectual transmite o privilégio de seu trabalho leve, decente e benéfico, à sua descendência.

Isto significa que haveria outros parasitas além do punhado de proprietários dos meios de produção? Há mais a cada ano, a cada passo da civilização! Lá, com o patrão, encontra-se o engenheiro e uma dezena de seus ajudantes, e de um outro lado encontram-se, ainda, uma matilha de empregados a “serviço” da sociedade, assim como membros das diversas profissões liberais; os socialistas não podem conhecer – eles não podem mesmo se interrogar sobre a questão – o meio graças ao qual, não possuindo nenhum direito sobre a terra e as fábricas, nem possuindo nenhuma “propriedade”, estas pessoas aproveitam o trabalho dos operários. São pessoas inocentes, dizem os socialistas, elas vivem de seu trabalho!

Calando a este respeito, o socialista deixa na sombra e em paz a maior parte dos lucros realizados pelo patrão, após mesmo sua partilha com seus mercenários intelectuais. É que o patrão também é um organizador intelectual antes de tudo; não se contenta com ser proprietário. Ele põe no bolso esquerdo os dividendos pelo investimento do capital, e no bolso direito uma recompensa por seus “transtornos” e “aflições”, não somente pelo “risco” corrido, mas também por sua “iniciativa”, por sua gestão conseqüente, em uma palavra, por seu trabalho penoso e pesado de organizador. Os socialistas não pensam mesmo em chamar a atenção para esta parte do lucro. Ao contrário, expressam de mil formas seu respeito pelo bolso do patrão. Como assim? Neste bolso, fonte de renda sob a forma de remuneração dos organizadores, cada intelectual tem direitos.

Em conseqüência, há um papel no bolso direito do patrão que indica que ele toma – enquanto organizador do negócio – todo o lucro, que ele partilhará com seus ajudantes. É aqui que se encontram as finanças consagradas à remuneração da organização – para o patrão e toda a santa confraria – necessária para a produção contemporânea. No bolso esquerdo encontra-se outro papel que determina que, quando tiver lugar a partilha, o patrão deverá obter uma *mais-valia*, enquanto dividendos de seu capital.

Então, quando o socialista exclama: “Abaixo a propriedade privada”, isto significa que é necessário rasgar o papel que se encontra no bolso esquerdo do patrão e que lhe forneceu as vantagens particulares em relação aos outros exploradores, e que lhe convém transferir o dinheiro desse bolso para o bolso direito, na soma comum da renda nacional... Nada mais! Nisto consiste todo o socialismo!

O patrão não fica sem meios para assegurar favoravelmente sua descendência, nem sem poder sobre os não-possuidores, tanto como outrora o proprietário feudal. Quanto à *intelligentsia*, ela retira todo o benefício daí.

Entrementes, o simples desenvolvimento da luta econômica, qualificada de primária, que as massas operárias tentam levar sem descanso por sua conta, apesar de seus sábios dirigentes, o desenvolvimento desta luta em todos os setores da produção vital, dentro do país e em todo o mundo civilizado, para que os operários recebam o valor total dos produtos de seu trabalho, representa a ofensiva operária contra a soma total da renda nacional. Isto é, suprimir para qualquer um a possibilidade de viver explorando o trabalho de outrem!

Não é sem razão que o socialista não quer organizar o ataque direto contra o lucro. É que ele não pensa, de modo nenhum, em diminuí-lo! Quanto ao intelectual, ele quer unicamente obter, eliminando o capitalismo, uma partilha mais harmoniosa do benefício no seio da sociedade dirigente. Ele não fala senão de métodos mais racionais de extração e de aumento das rendas nacionais.

O socialismo não é a revolta dos escravos contra a sociedade que os espolia; são as queixas e os planos do pequeno rapinante, o intelectual, humilhado mas começando a ter influência, e que disputa ao patrão o benefício tirado da exploração dos operários.

Examinemos mais atentamente *como e por que* o socialista ataca ao patrão capitalista. Examinemos seu próprio raciocínio.

Os patrões *cessaram* agora de *organizar* o trabalho de seus operários, cessaram de dirigi-los eles mesmos, de comandar, tendo transmitido essas tarefas para a *intelligentsia* assalariada, enquanto eles levam boa vida nas estações balneárias e em qualquer parte, contentando-se com perceber o dividendo de suas ações. Eis o que diz o socialista. É *por isso que eles tornaram-se agora* parasitas. Até então, enquanto extraíam o lucro com seu próprio esforço, os capitalistas não eram parasitas, ao menos segundo o ensinamento socialista! Eles não faziam senão cumprir um “papel socialmente útil”. Da mesma forma, antes deles, os nobres escravagistas eram necessários e úteis (se pode perguntar por quê?). Eram eles que tinham organizado as primeiras grandes explorações (em favor de quem? Com quem?). Eles defendiam os cidadãos contra os nobres vizinhos (quer dizer, da mesma forma que o lobo defende as ovelhas que apanhou, contra seus congêneres vizinhos). Enquanto que o nobre era o explorador quase único e em todo caso o mais ativo, ele não podia ser um parasita. Não chega a sê-lo a não ser quando ao lado dele cresce o capitalista, o qual empreende melhores negócios que ele, e que tem necessidade de rotas seguras e ordenadas, sendo por isso que se põe a organizar com os reis e príncipes dos grandes Estados fortes, pois passa à organização direta do trabalho dos escravos, isto em vista dos lucros bem mais consideráveis. O nobre torna-se um parasita *porque* ele não é mais, então, o principal comanditário do negócio, *porque* ele não é mais seu organizador; ao invés, seus antigos privilégios – a posse de escravos,

etc. – impedem os novos amos de manifestar todas suas capacidades, de desenvolver seus métodos a fim de aumentar o bem-estar das classes privilegiadas.

É assim que pensam e ensinam todos os senhores socialistas, ainda que os socialistas científicos, os socialistas democráticos insistam muito mais nisto.

Por que deveriam eles justificar os capitalistas, e mesmo o nobre feudal, se estes constroem um sistema social de exploração?

Para que os bens acumulados nas mãos da sociedade dirigente no decurso dos séculos, em meio deste “progresso”, sejam considerados como invioláveis. Para preparar de longe a justificação e a legitimação da obtenção de todos os benefícios, de toda a “renda nacional”, do “lucro nacional”, pela confraria ilustrada que se apressa a tomar o lugar dos velhos exploradores. Esta mesma confraria que os socialistas deixam sempre na sombra, quando enumeram os exploradores atuais, apontando somente os capitalistas e latifundiários.

Um explorador deixaria de ser um parasita quando *cessa de ser ele mesmo o organizador da exploração*? Se os capitalistas são julgados pelos socialistas não necessários e danosos à “sociedade” somente hoje, é porque eles não mais organizam a produção; assim *aqueles que o fazem no seu lugar* não seriam parasitas de nenhum modo, se bem que eles levem rapidamente os benefícios aproveitáveis. Em conseqüência, segundo o direito socialista, eles deviam tomar o lugar dos amos, e se todo o benefício se encontra diretamente em suas mãos, isto não significará, contudo, que eles são os parasitas da sociedade. Ao invés, tudo virá a ser normal e natural. Não haverá mais na sociedade pessoas que obtenham benefícios sem tomar parte na produção, ainda que a essência eterna da escravidão – a divisão da sociedade em exploradores-organizadores e em escravos-executantes semi-famintos – seja conservada na sua totalidade.

É assim? Há um antagonismo radical entre os escravos e os organizadores da escravidão, entre o trabalho sórdido e o trabalho decente, entre os aproveitadores do trabalho manual e os produtores explorados, entre os eternos satisfeitos e os eternos famintos? Isto o socialista nunca assinalou, nem ao redor dele, nem no passado; ele não percebe outra coisa que o antagonismo entre os antigos e os novos amos. Será por esta razão que ele designa a história da pilhagem utilizando termos tão convenientes como “história do desenvolvimento das forças produtivas da humanidade” ou “progresso humano em geral”; será por isto que ele tem tamanhas esperanças neste processo “natural” e conforme às “leis históricas”?

Não faltaria mais do que isso! Os amos têm sempre tais benefícios em cada “grau de desenvolvimento das forças produtivas”, tais ganhos a cada passo do “progresso”, que para eles é completamente “natural” encontrar de uma maneira ou de outra (dialética ou não) justificativa na história “conforme as leis do desenvolvimento”.

Além disto, não existe nenhuma doutrina socialista que não seja obrigada, com maior ou menor eloqüência, a convencer os *capitalistas* que eles não têm *nada a perder em geral com o socialismo*, como outrora os libertadores convenciam da mesma coisa aos feudais.

É evidente que isto não se diz nos folhetos e proclamações difundidos ao “povo” – neles, só se trata de uma coisa: Abaixo o capitalismo! – mas isto é exprimido em obras mais densas e sisudas escritas pelas mesmas mãos, mas que o povo não lê.

Se o capitalista é levado a não se considerar como amo, poderá sempre ficar como procurador da sociedade, e dirigir como antes sua empresa, já que a isso está acostumado. Nesta figura da lógica socialista, o patrão conservará a parte do lucro que detinha até aí, em seu poder, no bolso direito. E para o caso em que ele não exercesse desde muito tempo a responsabilidade dos negócios e não vivesse senão de suas ações (indo os dividendos para o bolso esquerdo), os Engels e os Kautsky se esforçariam para dar mais segurança aos velhos, prometendo-lhes um regulamento por toda a vida para suas ações. Com esta renda social do Estado, a descendência dos patrões ao menos nascerá em seus trilhos, instruindo-se com vistas a um trabalho útil e altamente qualificado de gestão. É verdade que certo número de patrões atuais ver-se-ão privados de benefícios exclusivos e monopolistas. Em troca, o benefício nacional aumentará proporcionalmente. Um rapinador não pode partilhar a ruína completa de outro rapinador, e assim cada um deve receber sua parte da renda sem correr riscos...

Mas se a matilha de lobos nada perde, o que ganharão as ovelhas? Se os socialistas asseguram que os patrões atuais não perderão nada, o que isto poderá trazer aos operários, à sua exigência de supressão da fome e da escravidão, isto é, da exploração, dos lucros dos capitalistas e outros parasitas?

Os socialistas não dizem que isto não trará nada, pois o progresso da exploração e a supressão dela são duas coisas completamente diferentes. Eles não desconhecem isto, evidentemente, mas é isto algo que lhes diz respeito? Em que poderia lhes concernir?

Kautsky, por exemplo, o mesmo a quem se dirigem quase todos os socialistas do mundo como a uma pilastra vivente do socialismo para pedir-lhe instruções e explicações, o mesmo que ensina a seus congêneres mais jovens como é preciso compor habilmente, para os operários, as proclamações sobre o tema de: “Abaixo o capitalismo!”, Kautsky, pois, em seu livro sobre a *Revolução social*, declara com toda tranqüilidade que, no porvir da revolução, o salário dos operários será sem dúvida mais elevado que hoje, e que as despesas sociais aumentarão sensivelmente também (trata-se, para falar muito simplesmente, do ordenado de todos os parasitas que, então, serão todos funcionários sociais, e não mais proprietários como hoje). Vejam só! Nada mais elevado do que isto!

Se todos os socialistas não o reconhecem tão simplesmente ou abertamente, nenhum deles, em todo caso, se surpreende com as declarações de seu apóstolo. Eles explicam que a luta do operário pela elevação de seu salário e de suas condições de vida não resolve nada, e que a raiz do mal encontra-se na propriedade privada dos meios de produção, ainda que eles saibam muito bem que a transferência da propriedade privada para a propriedade social não mudará em nada as condições de vida dos exploradores e dos explorados.

É suficiente, para perceber isto, olhar em volta; é apenas nas empresas privadas que os operários são escovados como cavalgadas? Pois bem, e nas empresas públicas? Nas ferrovias públicas ou nas minas nacionalizadas? Contudo, não existem aí patrões privados. O que aconteceria se todos os patrões se dissimulassem da mesma forma nas fábricas e latifúndios, sob a forma de funcionários do Estado? Seria, então, a república socialista, social, agindo para a felicidade geral? O socialista sorri com desdém: é necessário distinguir a propriedade pública da propriedade social; existem agora, diz ele, funcionários czaristas nas fábricas, enquanto que na república socialista serão empregados sociais; agora, o patrão é o autocrata, mais tarde será a sociedade, a república.

Em todo caso, nós podemos observar desde agora, nas empresas publicas do Estado, que a ausência de propriedade privada sobre os meios de produção não resolve em nada a questão da exploração, mesmo chamando esta situação de fato, em um contexto diferente, uma “produção socializada”.

É necessário antes de tudo conquistar o poder político, obter todas as liberdades possíveis (e naturalmente, a de morrer de fome), *conquistar a democracia*, instaurar a república, e depois levá-las todas à meta final, dizem os social-democratas e os socialistas revolucionários, a fim de que o capitalismo possa desenvolver todas suas contradições, explicam os primeiros, enquanto os segundos preferem deixar isto na sombra.

Isto significa, dir-nos-ão, que a inteira liberdade de concorrência de todos os capitais e de todos os conhecimentos, de todos os meios de exploração, tem levado os capitalistas atuais a não poder privar-se dos intelectuais. Surge então a necessidade de chamar essas massas de exploradores suplementários para o proscênio em que os primeiros se encontram, para instalar os segundos à sua volta.

Quanto menos existirem privilégios na sociedade, mais livre será a concorrência de todas as pessoas audaciosas que tenham, para tanto, meios seguros, e mais democrática será a sociedade; também assim os capitalistas conduzirão seus negócios séria e cientificamente: em lugar da esmola do privilégio czarista, falta-lhes agora vencer o vizinho com uma melhor maquinaria, com uma melhor organização da empresa; em conseqüência, falta-lhes empregar de agora em diante colaboradores instruídos, os intelectuais, fazendo-os participar dos benefícios...

Então, multiplicam-se os engenheiros, os contadores, os técnicos. Pois não pode deixar-se o velho selvagem ao pé das máquinas, podendo quebrá-las, não, é necessário que os operários sejam instruídos e bem preparados. Por isso multiplicam-se igualmente os professores e os escreventes, esses preparadores especializados.

Se nas economias mais avançadas é necessário dispor de uma boa organização, de um governo mais instruído e vigilante nos negócios, então criam-se de agora em diante pequenos postos bem cômodos, de sinecuras tomadas entre os postos públicos, não somente no centro, no parlamento, mas também nas províncias.

O Estado democrático significa que o sábio toma o lugar da polícia, ou melhor, que ele se põe no mesmo nível que a polícia. É por isso que se multiplicam os responsáveis sociais: os deputados, os políticos, os agrônomos, os estatísticos, os correspondentes de jornais, os advogados, etc.

Eis por que a *intelligentsia* democrática espera com impaciência, mais que os próprios burgueses, o progresso ulterior da sociedade burguesa, em geral, e as democratizações preparadas por ela, em particular. Eis por que esta *intelligentsia* democrática explica às massas que se insurgem, que sua emancipação não virá da luta econômica, do ataque à bolsa de seus amos, mas unicamente da luta política, quer dizer, da luta por um regime tal que esta bolsa possa crescer de uma maneira melhor do que anteriormente e, sobretudo, se entreabrir mais em seguida para a comunidade dos doutos. Eis por que a *intelligentsia* considera a democratização da sociedade, isto é, sua própria penetração em todos os poros do Estado burguês, como a garantia suficiente de que a socialização constituirá já a entrada em um verdadeiro paraíso e não em uma nova prisão, muito mais hermética que a precedente. Pois sim! A transmissão de todos os meios de produção para as mãos da *intelligentsia*, que detém já o governo social, constituirá para ela um verdadeiro paraíso. A socialização dos meios de produção, em uma democracia, nada pode prometer aos trabalhadores além do reforço da organização do poder que os domina, e do fortalecimento do Estado.

A sociedade capitalista contemporânea, porém, lesa os interesses da *intelligentsia*, quer esta seja ou não parte favorecida do sistema, e por outro lado a humilha pondo-a sob a dependência dos capitalistas. Quando assume sua humilhação e percebe que o progresso burguês se estagna, o intelectual se revolta e se dirige aos escravos do trabalho manual, sempre dispostos a rebelar-se, esforçando-se para pregar-lhes a revolução. No entanto, como ele não sofre pelas mesmas causas, nem da mesma maneira que o operário, não propõe para eles senão planos de luta tais que permitam eliminar imediatamente as causas do seu próprio mal, sem ser útil ao “camarada” operário que o seguiu, em qualquer aspecto que não seja a promessa de um futuro melhor. As exigências que têm inspirado os operários sempre são inevitavelmente preteridas pelo intelectual, deixadas de lado para o “futuro”.

Como as pessoas que vivem na sociedade atual como lobos e cordeiros poderiam lutar em conjunto por um porvir comum, pelo porvir de toda a sociedade enquanto uns vivem às custas dos outros? Nunca falta alguém que, querendo mascarar os antagonismos existentes nesta sociedade, deixe de falar dos problemas do futuro radiante da humanidade; quer mascarar assim estes antagonismos porque disso aproveita para cuidar de seus pequenos negócios.

Toda a submissão dos escravos se explica pelas riquezas que se lhes arranca agora, cada dia, hoje, no momento da paga. O socialista os habitua a voltar as costas ao que se passa todos os dias, como coisas insignificantes, para melhor fixar-lhes a atenção no futuro, nas tarefas da “humanidade”. Porque, se o proletariado combate pelas “premissas” da humanidade “futura”, não seria, então, mais do que pela satisfação das necessidades atuais da *intelligentsia*. Em seguida, se o proletariado se priva das “coisas insignificantes” do presente em nome desse “futuro”, fornece com isso mesmo as vantagens aproveitadas pelos “colarinhos brancos”. É deste último favor, destas coisas “insignificantes”, destas necessidades atualmente insatisfeitas da massa operária, que os “colarinhos brancos” retiram uma parte suplementar de riqueza.

O intelectual ganha nas duas situações. A conquista de “degraus” lhe dá, desde agora, uma parte maior da renda nacional. O abandono, pela massa operária, da luta pelo pão em nome destes “degraus” aumenta diretamente e conserva todo este lucro nacional.

O mais eficiente flagelo que submete o escravo ao senhor é a fome do desempregado; mas o “colarinho branco” ensina que, no estágio atual da economia da humanidade, este flagelo não é obra dos amos, mas inevitável e natural, não podendo suprimi-lo, pois seria insensato ou mesmo criminal, pois se isso não se fizesse no momento oportuno, toda a obra futura de emancipação poderia ser posta em perigo... Segundo a doutrina socialista, não se poderá cozer um pão igual para todos senão dentro de um regime futuro qualquer, e não em seguida, como se quer. A sociedade atual não pode fornecer, unida, forno para este fim. O trabalho não seria tão produtivo na sociedade atual, segundo eles declaram. Ela está ainda muito dividida pela concorrência entre os possuidores, não está em condições de alimentar todo mundo. Não que ela não queira – não sofreria ela mesma de fome – nem que ela aproveite desta fome dos produtores para desenvolver-se e enriquecer-se cada vez mais; não, *ela não pode*. O contrário e o que diz o “inimigo”, o “destruidor” do regime atual! Um inimigo bem preparado, na verdade! Para decidir-se a dizer tudo

isto àqueles que estão na miséria rodeados de inúmeras riquezas, para não tirar imediatamente o véu da natureza rapinante de explorador, por tudo isto é necessário elaborar bem o ideal socialista, essa pele de cordeiro que dissimula o lobo...

A preparação do paraíso socialista ou os sindicatos legais

Segundo o ensinamento socialista, a sociedade atual de pilhagem não estabelece somente a escravidão dos operários, mas preludia igualmente sua liberdade, prepara o futuro paraíso socialista: a exploração capitalista leva à igualdade socialista, a opressão capitalista leva à liberdade socialista. Também não devemos nos admirar de encontrar simultaneamente, nos socialistas, duas concepções diametralmente opostas sobre os sindicatos operários legais. Quando estamos diante da opressão atual dos operários, a infelicidade e os sofrimentos transformam-se ao mesmo tempo em alegria e felicidade, o preto em branco, a mentira em verdade. Esta contabilidade dupla é a consequência inevitável desse ensinamento.

Quando os socialistas são levados a discutir com os defensores de um governo tão reacionário, por exemplo, como o governo czarista, eles lembram e demonstram com muito zelo que os sindicatos operários representam propriamente, em toda Europa, a garantia do progresso burguês, a prova de tranqüilidade, do poder e da solidez do Estado burguês. Quando eles falam destes mesmos sindicatos diante dos operários, asseguram-lhes que as massas trabalhadoras construirão com eles os fundamentos do futuro regime socialista. Lembremo-nos que isto deveria significar no linguajar dos socialistas “derrubar o jugo dos operários”, ainda que tornar mais sólido o Estado burguês não contribua senão para reforçar esse jugo.

Assim, os socialistas, como verdadeiros impostores, voltam-se ora para o governo burguês, ora para os operários, com o mesmo amável sorriso: eles demonstram aos governantes que os sindicatos reforçam a dependência dos operários; aos operários, eles asseguram que os sindicatos os tornam independentes.

Querem os socialistas tomá-los por imbecis? Em algum caso, a burguesia, nos Estados da Europa Ocidental, deixando propagar os sindicatos na maioria dos ramos da produção, tem garantido efetivamente a tranqüilidade ao mundo da pilhagem. No entanto, no que concerne ao fundamento socialista, o assunto apresenta-se cada vez pior. Quanto mais esse fundamento é elaborado para os operários, mais os socialistas declamam seus méritos, e mais alto no céu eleva-se o edifício socialista.

Examinemos mais de perto por que todas as considerações sobre o fundamento socialista, colocadas pelos sindicatos e outras organizações operárias, não são senão mentiras.

Com o intuito de se emancipar e suprimir a classe dos capitalistas, dizem os socialistas, os operários devem tomar em suas mãos toda a produção. Entretanto, eles não podem fazê-lo de um só golpe, eles devem primeiramente se preparar. Nos sindicatos, os operários, sempre segundo os socialistas, familiarizam-se com todas as particularidades de seu ramo de produção e tornam-se cada vez mais capazes de assumir o seu controle com toda independência, fazendo supérfluos os administradores privados.

Os social-democratas acrescentam também que os operários devem aprender a dirigir o Estado, e que dentro de suas associações políticas, no momento das campanhas eleitorais, nas suas frações parlamentares, nas diferentes responsabilidades eletivas, nos conselhos municipais e outras instituições, os operários apossar-se-iam progressivamente do poder da burguesia, adquirindo ao mesmo tempo todos os conhecimentos indispensáveis à direção do Estado. Os socialistas são unânimes, por outro lado, a preconizar a criação de toda classe de sociedades culturais, de universidades populares, objetivando que os operários adquiram rapidamente os conhecimentos possuídos pela burguesia culta. Eis como, graças aos socialistas, se edifica o fundamento da sociedade socialista futura. Que terrível ocupação! Divirtam-se, divirtam-se, minhas queridas crianças! Nós não impedimos ninguém de sonhar – é assim que respondem todos os governantes da Europa Ocidental a estes planos socialistas de derrubada do regime burguês, e eles concedem aos socialistas a mais completa liberdade de tagarelar.

Os operários devem destruir sua prisão secular, embora os socialistas os adormeçam aconselhando-lhes elevar seu nível moral, desenvolver sua inteligência e seu coração. Os operários devem apossar-se das riquezas do mundo inteiro, embora os socialistas lhes aconselhem a distrair uma parte de seu miserável e servil salário para organizar o paraíso futuro nos sindicatos e outras sociedades corporativas! Quando é

prejudicada a menor parcela de suas riquezas, a burguesia pune enviando à prisão ou à forca, enquanto os fariseus socialistas prometem eliminar todas essas leis ferozes graças à eloquência de seus jornais, a seus discursos nos comícios, no congresso e nas tribunas dos parlamentos!

Jamais, em nenhuma parte, as pessoas foram assim tão abandonadas no terreno de seu inimigo, no meio do caminho que os socialistas indicam para os operários. É suficiente comparar sua obra com a das revoluções – quando realmente as novas classes se libertam – e então poderemos ver que a obra dos socialistas consiste em abafar a revolução, e que de fato eles não preparam, mas ao contrário, freiam e impedem.

O terror e os crimes políticos são postos nas nuvens pelos socialistas, tanto como amaldiçoam os mesmos atos quando são econômicos. O assassino de um burocrata opressor é glorificado por eles como um mártir, como um imortal herói vingador. Ao invés, o assassino de um opressor de operários, de um capitalista ou de um engenheiro parasita, não é a seus olhos mais do que um monstro que merece uma execução imediata e um estigma de infâmia eterna. Em consequência, os socialistas não se surpreendem quando os operários insurgentes lhes arrancam suas máscaras, declarando-os traidores e inimigos da revolução operária.

Todos os ensinamentos socialistas sobre o comunismo futuro e sobre a necessidade de preparar-se para esse fim não têm outro objetivo do que distrair os operários da luta direta e imediata, e de levar para o céu suas esperanças. Os social-democratas declaram, no limite, que isso é verdadeiro para os utopistas, mas no que concerne ao socialismo científico – o ensinamento de Marx e Engels – é completamente diverso, pois se funda só em fatos e cifras. Justamente o socialismo científico, com todos seus fatos e cifras, criou uma fábula absurda sobre o advento do paraíso socialista. Segundo eles, os grandes capitalistas, por sua concorrência, esmagam sem interrupção os pequenos capitalistas, e assim, muito cedo, toda a classe dos capitalistas reduzir-se-á a um insignificante punhado de bilionários e todo o resto da sociedade burguesa transformar-se-á em proletários assalariados. É acompanhada destas canções hipócritas de que cada dia nascem milhares de novos burgueses de “colarinho branco”, que se instalam nos bairros mais elegantes das grandes cidades, lá vivendo com mais luxo que os pequenos proprietários que “perecem” com a concorrência do grande capital. Os mais fiéis discípulos de Marx sorriem desta fábula de seu mestre, sorriem sob o pano, evidentemente, pois seria muito inconveniente adotar diante de todo o mundo uma atitude tão irreverente face a um mestre infalível.

É evidente que este achado “científico” tem por único objetivo deter o impulso de revolta dos operários, até que toda a burguesia transforme em um “punhado ínfimo” de bilionários. Os social-democratas têm repetido continuamente, seguindo a seus mestres, sem se perturbar em nenhum momento, dirigindo-se aos operários: “esperem que os capitalistas tenham aberto suas próprias sepulturas”, o “desenvolvimento do capitalismo por seu próprio movimento prepara a emancipação do proletariado”. Tudo isto, certamente, “independentemente da vontade dos homens”. Isto deveria querer dizer que entre os social-democratas, para substituir os deuses velhos, nascem novos deuses socialistas “bondosos”, os quais, por seu poder celestial, debilitam os fortes e fortalecem os fracos.

A ciência socialista, como toda ciência social – ainda que seja inimiga irreduzível do obscurantismo religioso –, sabe operar com as massas operárias os mesmos truques de magia que os feiticeiros pagãos ou os padres cristãos. Nos partidos socialistas, ainda que seja na época dos comícios, no congresso ou durante os desfiles do 1º de maio, os operários suplicam, da mesma forma que nas igrejas, pela felicidade futura que só se tornará realidade para seus longínquos descendentes. Os frutos não estão ainda maduros! As forças produtivas não estariam ainda suficientemente desenvolvidas! A hora da revolução socialista não soou ainda! Paciência! É o que pregam infatigavelmente os padres socialistas. Assim, toda a indignação contra a escravidão, toda a revolta contra o mundo da violência e da mentira não originam, nos operários socialistas, nem ações nem luta, mas somente a *fé* em um regime futuro de justiça.

Eles necessitam espalhar a nova religião socialista para salvar o mundo. Todavia, se a propagação dela salva o mundo, a exploração não acaba ao mesmo tempo. Ao contrário, o velho mundo da pilhagem torna-se cada vez mais forte, restaura-se e atinge uma grande longevidade.

Pois o crescimento da fé socialista, ou bem, como dizem os socialistas, da consciência socialista, não aumenta em nada a força de revolta dos operários nem suas aspirações à derrubada da escravidão secular. Ao contrário, ela significa somente um maior amor pelo regime *existente*. Não pode ser de outra forma.

Em que consiste, então, a fé socialista? O regime burguês atual prepara uma ordem futura de igualdade e de justiça totais. Como não estimar, então, e não amar este regime de pilhagem, como não participar com todas as suas forças para seu desenvolvimento e seu progresso? A fim de que se transforme mais tarde, como está previsto, no paraíso socialista? É assim que procedem em toda parte os socialistas e os operários, tendo a fé socialista. Mais do que a própria burguesia, elas adoram o engrandecimento da “pátria” burguesa. Eles são os melhores combatentes do progresso burguês. Eis por que o socialismo se estende tão livremente no mundo, isto por que ele é tão indispensável à prosperidade burguesa como o era o cristianismo nos tempos remotos.

Este papel de religião científica é exibido da melhor maneira, em proveito da burguesia, pelo ensinamento de Marx e Engels – *o socialismo científico* – aquele mesmo que tinha esmagado tão vitoriosamente os primeiros socialistas utópicos que, eles diziam, queriam levar os operários a travar prematuramente a batalha contra a burguesia; aquele mesmo que teria, ao que parece, “iluminado com uma luz resplandecente” a marcha vitoriosa do proletariado para a sua libertação.

Os amanuenses reacionários censuram freqüentemente os marxistas de pregar entre os operários a luta contra a burguesia, a guerra civil geral. A isso, os marxistas respondem que estes amanuenses não compreenderam Marx. Seu ensinamento preconiza a luta de classes unicamente contra um punhado de plutocratas, mas alimenta uma profunda ternura pela sociedade burguesa e seu progresso. Não há nada de anarquista nem de insurrecional, mas, ao contrário, tudo o que poderia haver de idealista e religioso.

Neste caso preciso, os marxistas dizem a verdade. Com efeito, o que ensina a filosofia de Marx, denominada *compreensão materialista da história*, ou então, *materialismo histórico e dialético*? Ela ensina que em qualquer época, todas as sociedades, todos os seus governos e leis, deviam corresponder às necessidades materiais de todas as pessoas, a suas necessidades econômicas e a suas forças produtivas. Mas é que isto não significa que os proprietários de escravos na Antigüidade acorrentavam seus escravos, que os feudais chicoteavam seus servos, e que os capitalistas esfomeiam agora os operários, pela só e única razão de que as “necessidades de todos” o têm exigido e ainda o exigem, tanto como o faziam as “necessidades econômicas da sociedade”? O que de melhor pode esperar a burguesia dos marxistas? As doutrinas dos sacerdotes e aos homens de Estado teriam tentado demonstrar outra coisa?

Este socialismo científico contemporâneo é uma mecânica bem maligna! É tão fácil se deixar seduzir por tão belas palavras! “A luta de classe contra os exploradores”, isto significa, refletindo bem: “Derrubemos imediatamente os rapinadores!”, “material”, “econômico”, querem dizer verossimilmente que se trata de uma causa puramente operária. “Materialista”... equivaleria, pois, a insurrecional? Contra todas as santidades das religiões? Deixando-se seduzir por estas definições tranqüilizadoras, pode-se apreender todo o ensinamento. Pode-se atravessar toda a escola socialista e não perceber ter-se transformado em um peão intelectual burguês. Vivendo no meio da opressão dos operários sem senti-la, esquecendo que não se nasce em uma prisão, que não se está condenado para sempre a um trabalho de escravo. Começa-se então a amar a sociedade de pilhagem. Começa-se a enaltecer como sua pátria a união de todas as Rússias, dos opressores de todas as nacionalidades. Deseja-se uma primavera burguesa a essa pátria e põe-se a lutar pela felicidade desta união opressiva.

Quanto mais o ensinamento socialista espalha-se pelo mundo, mais ele converte-se, com o tempo, numa verdadeira doutrina de sacerdotes. Anteriormente, havia casos em que os socialistas, em particular os marxistas, sentiam-se ofendidos de ser comparados aos pregadores religiosos. Agora todos os socialistas reconhecem publicamente que eles têm elaborado uma nova religião. De hoje em diante tratarão de caluniador àquele que considere os padres como trapaceiros e a religião como a cadeia mais sólida da escravidão. Assim mesmo! Todas as religiões têm, em seu tempo, “educado a humanidade”!

Como temos visto, os eruditos social-democratas encobrem deliberadamente toda a exploração, toda a opressão secular das massas operárias. Eles consideram com total impudor, como sendo natural, a coexistência da sociedade civilizada e o Estado, e chamam de *colaboração* a servidão da maioria da humanidade, transformada exclusivamente em gado laborioso para as minorias privilegiadas.

Embora esta “colaboração” entre escravos e amos seja constrangedora, dizem os marxistas, ela funda-se sempre nas necessidades econômicas das pessoas e visa ao bem-estar de todos.

Se esta colaboração sempre foi indispensável para o bem comum, ela o é tanto mais agora, e subsistirá enquanto o paraíso socialista não for instaurado. Este ensinamento dos social-democratas sobre a homogeneidade do organismo social reduz a uma declaração oca e vã toda sua vontade apregoada de

“luta de classe contra o regime de exploração”. Com efeito, eles não preconizam aos operários senão uma “luta de classes” tal que não apresente nenhum perigo para a ordem da pilhagem, e que ela possa ser admitida por toda a sociedade burguesa inteligente.

Esta concepção da colaboração econômica dos trabalhadores e dos exploradores restaura a integridade dos preceitos morais dos amos, e faz pesar novamente sobre os operários todas as “obrigações morais” elaboradas anteriormente pelos moralistas hipócritas ao serviço dos amos; todas as mentiras destes são assim ressuscitadas pelos social-democratas, com o intuito apenas de enganar os explorados. Os operários devem amar a união de salteadores constituída por seus amos, união que se nomeia, no mundo da violência e da mentira, de “pátria”, “país natal” ou “nação”. Eles devem defender esta união de ladrões contra seus “inimigos” e amá-la mais do que os próprios exploradores.

Os operários devem ser os nacionalistas mais sinceros e honestos, os patriotas mais ardentes. Pela luta e o sangue, eles são obrigados a dispensar seus inimigos, os “colarinhos brancos”, de oferecer-lhes uma felicidade mais completa e liberdade política total. Eles devem ser escravos honestos, fiéis, desinteressados e generosos, não por temor, mas por consciência. Eles devem mesmo despertar nos seus amos a aspiração à liberdade, à “verdadeira vida de justiça”, ao “ideal radiante da razão, do amor, do bem e do belo”.

Ai! A propaganda dos discursadores socialistas não está inteiramente perdida. Estes últimos anos os operários têm agradavelmente surpreendido a toda a *intelligentsia* bem nutrida com seu “radiante ideal”. Quando das “belas jornadas de Outubro” [1905], eles chamaram mesmo de “camaradas” a quase todos os burgueses de “colarinhos brancos” e repetiram em seguida todas as palavras mentirosas de seus exploradores: pátria, povo, nação, verdade, justiça...

Os operários russos têm servido de bucha de canhão na luta feita pura benefício de outubristas e cadetes(1). Esta burla foi produzida não pelos habituais trapaceiros burgueses, mas pelos “verdadeiros representantes do proletariado”, os “defensores” da classe operária.

Nós temos visto como a religião socialista, depois de ter mascarado a opressão secular das massas operárias, declara que todo Estado civilizado é a realização de uma colaboração para a satisfação das necessidades econômicas, para o desenvolvimento das forças produtivas da humanidade. Apoiando-se sobre sua “ciência”, os padres socialistas declaram que toda a História é uma longa preparação da humanidade a uma justa vida futura de homens livres e iguais. O efeito da predição socialista é uma coisa verdadeiramente misteriosa: os amos não têm pensado senão na exploração de seus escravos, no aumento de seus bens pessoais; porém, esta riqueza acumulada teria servido para educar os homens – a despeito dos maus tratamentos suportados – e a preparar sua felicidade futura!

Mas por que esta sociedade de homens livres não nasceu ainda? A religião socialista responde simplesmente que a humanidade não teve ainda tempo para se preparar, não dispondo de meios materiais necessários, e que as pessoas não estão suficientemente educadas para uma vida comunista e fraterna. Em conseqüência, é necessário preparar-se por todos os meios, pois – asseguram os socialistas – no momento da emancipação da classe operária, a dificuldade principal não consistirá tanto na apropriação dos bens da burguesia, mas na habilidade para ajeitar, com a ajuda desses bens, uma vida melhor. Na medida em que os operários não tenham uma representação clara do regime futuro, na medida em que eles não estejam definitivamente preparados para isso, não vale a pena provocar uma revolução operária, exclamam os socialistas, cada qual melhor que o outro. Não vale a pena atacar a burguesia de todas as maneiras, ela não será melhor, muito pelo contrário; uma revolução que falhasse faria recuar os operários, privá-los-ia do que eles já teriam adquirido, destruiria toda a longa preparação ao paraíso socialista.

Por causa destas palavras preciosas, a burguesia prepara-se para agasalhar os socialistas com inúmeras gentilezas. Ela os presenteia com uma total liberdade de propaganda, lhes promete pequenos empregos, aconchegantes e confortáveis, e mesmo de pastas ministeriais. Compreende bem que a tagarelise socialista pode-lhe ser tão útil quanto a propagação da fé cristã, a masmorra e as armas. “Não vos revolteis”, exortam os padres, pois então “perdereis a esperança no reino celestial!”. Os socialistas dizem igualmente: “Não vos revolteis”, pois então “vós destruireis todos os fundamentos socialistas!” Os socialistas empregam os discursos até o esgotamento, enchendo montanhas de papel e terminando invariavelmente suas proclamas, livros e discursos com um único refrão: “O regime socialista é impensável sem uma preparação anterior! Nada comecem sem uma boa preparação!”

Os socialistas não se fatigam em vão. Pois, durante todo o século passado, longe da Igreja socialista e das revoluções socialistas, se esboça cada vez mais claramente a via da emancipação dos operários, a da derrubada da opressão secular.

Nenhum dos pensadores socialistas, se bem que se possa contá-los às centenas, tem podido prever ou entrever esta via. As massas operárias têm-na aberto por elas mesmas; o que todos os doutores, todos os socialistas, não podem admitir sem ódio. Esta via é *a luta econômica das massas operárias, a greve geral econômica*.

Quantos cordatos socialistas têm torturado seu espírito, parece, a propósito da questão de saber como os operários deveriam se libertar, se organizar na sociedade nova para que os novos exploradores não possam nascer!

Abandonem o mundo apodrecido do bezerro de ouro e instituem em longínquos países, em ilhas desertas, comunidades baseadas em princípios comunistas! Evidentemente, este empreendimento dos primeiros socialistas termina no mesmo sucesso que o dos fanáticos religiosos e outros loucos que se retiram no deserto a fim de comunicar-se com Deus...

“Edificai vosso próprio banco, vossa própria Bolsa, pois trocareis vossos produtos sem passar pela intermediação dos comerciantes e capitalistas...” Mas este achado ulterior também estourou como uma bolha de sabão no sol...

Mas não, mas não, exclamam os políticos socialistas, não ajam assim, comecem por derrubar os tronos, pois o poder passará às mãos do povo. Ele será a ditadura do proletariado, e é ele que organizará a sociedade futura. Os tronos têm sido derrubados, a república proclamada, e o poder do povo é reconhecidamente não o da ditadura do proletariado, mas o da burguesia...

Democratizai a máquina estatal, aconselham os social-democratas, escolhei de agora em diante deputados socialistas. Todavia, quando mais de cem deputados socialistas foram eleitos na Alemanha, revelaram-se faladores completamente inúteis, tanto como os outros “representantes do povo”...

É necessário conquistar o sufrágio universal! Mas pela conquista deste sufrágio universal, direto, etc., não temos senão o número de governadores e comandantes, sentados sobre as costas dos trabalhadores, aumentando sem cessar...

Socializemos pelo menos a terra, propõem os socialistas populistas russos, pelo menos demo-la ao povo, dizem eles. Mas da transferência da terra ao povo, não é senão o número de camponeses ricos que aumenta (os socialistas revolucionários sabem disto muito bem). Camponeses opulentos que fazem correr o suor dos camponeses pobres tanto como os latifundiários...

Em poucas palavras, de todas as numerosas invenções socialistas, não resultam senão absurdos, como *o aumento do número de exploradores*, e em todos os casos o reforço da opressão dos operários.

A todas estas elucubrações socialistas, os operários respondem com sua reivindicação essencial: *aumento do salário, diminuição de tempo da jornada de trabalho!* “Como isto é sórdido, grosseiro”, repete o socialista comentando esta palavra de ordem. Sim, como é sórdido para seu ardente coração de comunista! Que grosseiro igualmente para sua alma delicada de intelectual!

No entanto, graças às revoltas obstinadas dos operários, a burguesia tem sido obrigada a aumentar os salários e diminuir o tempo da jornada de trabalho, de certas camadas operárias, ao menos. Com quais resultados? Enquanto toda invenção “elevada” dos socialistas não traz consigo senão a libertação da burguesia e *o aumento do número de exploradores*, a “sórdida” conquista dos operários tem aliviado o trabalho forçado de certas camadas de operários, sem com isso *aumentar o número de exploradores*. Pela primeira vez na História, temos uma luta conduzida pelos explorados, pela qual eles *tomam uma via emancipatória, sem criar ao seu redor novos exploradores*, tal como era até agora, como, por exemplo, na época da emancipação dos artesãos e camponeses.

Os socialistas esforçam-se para prevenir os operários contra toda emancipação muito prematura, que não estivesse solidamente ancorada, podendo permitir o surgimento de novos exploradores. Que eles imaginem, então, até que ponto pode ser rápida a marcha da luta econômica, e que importantes conquistas podem constituir, para os operários, o aumento dos salários e a diminuição do tempo de trabalho. Estas conquistas não podem senão aliviar a opressão de *todos* os operários, sem criar, por isso, nem um só novo posto de exploração, nem de rendas parasitárias suplementares. Muito pelo contrário, é precisamente o crescimento *lento* dos salários o que aconteceu até aqui, sem nenhum prejuízo para a burguesia, unicamente em favor de certas camadas privilegiadas de trabalhadores. Se bem que um

aumento rápido e importante dos salários, como o que pode ser obtido por uma greve econômica geral dos operários, melhoraria a situação de todos os operários.

Esta conquista importante e rápida dos trabalhadores carrega consigo uma conseqüência que faz tremer os socialistas: a expropriação dos exploradores. Quando os operários conseguirem organizar uma greve econômica geral, quando eles tiverem afastado as ciladas socialistas e democráticas, suas reivindicações serão tão elevadas e tão invencíveis que sua satisfação necessitará não somente da expropriação dos grandes capitalistas, mas igualmente uma diminuição importante das rendas privilegiadas. É aqui que aparece claramente a diferença entre as revoluções operária e política. Enquanto esta última não faz senão substituir uns preguiçosos por outros, a revolução operária suprime, em seu desenvolvimento, todos os aspectos do parasitismo.

A revolução política suprime o poder dos monarcas, para que ele passe para as mãos dos ricos e de toda a sociedade burguesa. Eles diminuem as rendas dos generais, dos policiais e dos padres, unicamente para aumentar a dos cientistas da repressão social. No entanto, para os operários, é completamente indiferente levar sobre suas costas parasitas de uma ou outra espécie. Os intelectuais poderiam, no limite, decidir-se pela revolução “socialista”, a qual distribuiria os milhões retirados dos ricos a todos os “colarinhos brancos”; os operários não teriam nada a ganhar com isso, pois a soma do lucro nacional, o fundo consagrado à manutenção de todos os parasitas em nada diminuiria.

A revolução operária, quer dizer, a greve econômica geral, que conquista um salário mais elevado, diminui outro tanto este fundo destinado a manter os monarcas, os ricos, os parasitas “militares” e “civis”, os burocratas do Estado ou privados, os capitalistas e a *intelligentsia*. É sobre o salário miserável e servil dos trabalhadores *manuais* que repousa a existência de *todos* os exploradores. A elevação deste salário é assim a única via, a única arma que pode fazer desaparecer os exploradores de toda classe.

As pessoas ilustradas, como, entre outras, os socialistas, não querem ouvir falar da greve econômica geral dos operários, como se eles não pudessem perceber o que ela representa. De fato, isto não é de admirar: eles *não querem* compreender o que é a luta econômica geral, e é por esta razão que eles a fazem aparecer como “incompreensível”. Eles não a querem, porque nenhuma classe de proprietários deseja sua própria exploração. As pessoas ilustradas, os socialistas e os pedagogos de todas as classes, usufruem de rendas privilegiadas que seriam inelutavelmente suprimidas em uma revolução operária.

Não só as massas operárias podem compreender a luta econômica geral dos trabalhadores manuais. Todas as camadas da classe operária a compreendem, mesmo as menos evoluídas. Mesmo as massas analfabetas dos países mais atrasados a compreendem muito bem. O que significa que sua compreensão não é tirada de um livro, pois os livros que têm por bem tratar da “questão operária” são antes consagrados à sociedade de exploração. Seu entendimento parte da sensação mesma de opressão sofrida pelas massas operárias, que pode ser experimentada em todos os países, no mundo inteiro, tanto na Europa como na América, tanto na França como na Rússia.

Contudo, a luta econômica geral e as revoltas econômicas dos operários não estouram amiúde. Não é fácil para as massas despedaçar as malhas das redes socialistas e democráticas que as cobrem, nem de se afastar dos refrões soporíferos que cantam os intelectuais ou mesmo seus próprios camaradas, devotados aos interesses e planos da *intelligentsia*. Então, como provocar essas revoltas se não há organização disposta a sustentá-las e unificá-las; se inexistente conspiração operária, ao ponto de existir uma conspiração dos intelectuais que transformam solicitamente cada revolta operária em uma revolução política, visando realizar um ideal qualquer dos intelectuais?

Nos últimos tempos, as massas exprimem sua revolta econômica cada vez que elas acreditam que suas organizações e comitês preparam a revolução operária; assim foi na ocasião da greve de 1903 na Ucrânia, e em parte, na Itália, em 1904; ou bem, então, elas se levantam nos momentos de indignação e de desespero extremos, como na ocasião da insurreição italiana de 1898 em Gênova, em Barcelona em 1902, e também recentemente em Belfast. Então, os operários derrubam todos os obstáculos legais das leis burguesas e da ciência socialista. Então, irresistivelmente espalha-se o incêndio da insurreição operária.

“A psicologia das massas é impenetrável!”, declaram sisudamente os intelectuais hipócritas. No entanto, nesses momentos de revolta, os operários estão bem longe das reivindicações obscuras. Eles encontram-se no seu elemento, pois têm na mira sua própria causa. O aumento de salário – alívio do regime de trabalho forçado manual – é o interesse de todos os explorados e só deles. Não há aqui ne-

nhuma má jogada devido à intriga dos intelectuais em favor de um mentiroso ideal. Ao contrário, é uma insurreição contra todos os exploradores, contra a sociedade dos “colarinhos brancos”. É aqui, pois, que tomam consciência, na ocasião de uma greve econômica geral, todos os operários, até os menos evoluídos. Eis por que se sublevam, eis por que nasce sua luta.

Quando se trata de lutar por sua própria causa, pela greve econômica geral, os operários insurgem-se, sem nenhuma educação prévia, sem preparação especial, sem propaganda, sem congresso, sem voto. Assim foi na greve de 1903 na Ucrânia. Nenhum partido político, nenhuma organização revolucionária, a preparou. Ao contrário, nasceu contra a vontade de todos os socialistas e revolucionários russos, os quais não tinham ainda inventado sua “greve política”, e rejeitavam a idéia de uma greve geral. É da mesma maneira que nascem as greves econômicas gerais nos outros países. Elas estouram fora dos sindicatos.

Nenhuma das organizações operárias existentes, ainda que tenha milhões de associados, pode preparar tal greve, pois todas essas organizações são legalistas, isto é, existem enquanto permanecem nessa “legalidade”, enquanto rejeitam a revolução operária imediata, a violação da “ordem estatal” e dos “fundamentos sociais”. À menor tentativa de escapar desta legalidade, os sindicatos são dissolvidos pelos governos, quaisquer que sejam, mesmo pelos mais “democráticos”. É assim que age o governo francês atual, que tem ministros socialistas em seu seio. Um governo exclusivamente composto de socialistas não agiria de outro modo; é que, nos seus congressos nacionais e internacionais, adotam constantemente resoluções para afirmar que a greve geral econômica é intolerável.

É, pois, evidente que a greve econômica mundial, a supressão da opressão operária, jamais serão preparadas nem pelos sindicatos, nem por nenhuma outra organização legal, operária ou socialista.

Conclui-se que a liberdade política, por mais desenvolvida que seja, não aproxima em nada a revolução operária. A greve econômica mundial, a expropriação de todos os biltres, não pode ser preparada senão pelas organizações operárias clandestinas, seguradas pelo segredo face a seus inimigos; isto só pode ser feito por meio da *conspiração operária*.

Tal organização não pode nascer se ela não se dá por *única* meta a obtenção de salários mais elevados por meio de greves gerais de massas. Sobretudo, ela não aspirará mais do que a isto, a fim de arrancar da burguesia a maior parte possível de suas riquezas; ela terá rejeitado, como evidente mentira, todos os projetos socialistas de educação das massas para a vida futura. Tal organização da conspiração operária declarará não ter absolutamente necessidade de educar as massas, nem moral nem intelectualmente, para o objetivo de derrubar a ordem opressora dos operários. A partir do senso moral, nenhum propagandista, nenhum herói ideal, está em condições de experimentar a opressão dos operários mais intensamente do que eles, e não pode, da mesma forma, experimentar a vontade tenaz de lutar contra ela. Até agora, o mal não consiste em que as massas não tenham podido se elevar ao nível dos agitadores, mas, ao contrário, em que os agitadores não tenham compreendido o elemento operário, que se insurge de tempos em tempos, e que eles tinham constantemente traído.

Não convém à organização da conspiração operária esperar que se eleve o nível intelectual das massas. Essa organização sabe que, sob o regime de exploração, seria vão os operários aspirarem a adquirir conhecimentos, pois eles não poderiam dispor senão de uma cultura de escravos que seria cultivada na medida em que desse vantagens aos amos possuir escravos mais inteligentes, mais rentáveis. Na medida em que os operários não rejeitem os planos socialistas concernentes à sua educação, seu aperfeiçoamento e preparação, no seio do regime opressor, da vida futura, não constituirão uma força suficiente e não estarão em situação de criar uma organização conspirativa capaz de derrubar o regime de opressão.

“É completamente insensato!”, exclamam em coro todos os socialistas. Se os operários rejeitam desde agora estudar e se preparar para a sociedade futura, então nunca obterão sua emancipação. Mesmo se eles obtêm os salários mais elevados possíveis, não aprendendo por si sós a conduzir a produção e a gerir toda a vida social, ficarão eternamente na escravidão, sob dependência eterna dos governos e amos atuais. É assim tão certo, asseguram os socialistas, como dois e dois são quatro!

Sobre esta questão precisa, eles deveriam fazer o menor ruído possível, pois com toda esta algazarra eles não fazem senão revelar, em mais alto grau, seu parasitismo de intelectuais e privilegiados.

A *intelligentsia* e os socialistas consideram seus conhecimentos exatamente da mesma maneira que um empresário, seu capital. “Você quer possuir riquezas”, diz o capitalista ao operário, “então trabalhe, se fatigue e poupe!”. “Você quer ser tão sábio que nem eu”, dizem exatamente os intelectuais e os socialistas aos operários, “então se instrua, estude! Consagre cada um de seus minutos livres ao estudo, e não à

embriaguez e à preguiça, não há outra saída!” Do mesmo modo que o capitalista que não pode admitir ser privado de seu capital, o socialista estima impossível “expropriar” a inteligência. Por acaso, não seria isto algo assim como “aplinar o cérebro dos intelectuais”?

Os socialistas e os intelectuais asseguram que os conhecimentos que eles possuem não são senão uma luz vinda dos céus e não de nossa terra pecadora, onde reina a pilhagem e a opressão por toda parte. Por nada do mundo, desejariam lembrar que esses conhecimentos têm sido adquiridos graças ao *dinheiro*, graças aos rendimentos parasitários que se encontram no bolso de suas famílias burguesas; que eles puderam freqüentar diferentes estabelecimentos de ensino porque outros, despojados de tudo, lhes forneceram, durante certo tempo, alimento, roupa e habitação, enviando seus próprios filhos, desde a mais tenra infância, ao trabalho forçado que agüentaram toda sua vida. Os intelectuais e os socialistas não querem, por nada do mundo, reconhecer que seus conhecimentos, saídos das rendas parasitárias, lhes dão também uma renda parasitária. Como seria possível!, exclamam eles, qualquer renda dos intelectuais é um salário como o do trabalhador manual, com a só diferença que o dele é um trabalho de “grande mérito”. É de uma forma muito parecida que o capitalista assegura ter ganho seu capital graças ao seu próprio trabalho.

Assim, a ciência socialista contém tantas mentiras como a ciência burguesa que afirma que a riqueza nasce da poupança. A ciência burguesa não pode conter as revoltas operárias, a ciência socialista também não as impedirá. Da mesma forma que foi rejeitada a moral dos amos, será rejeitada a fábula socialista segundo a qual a *intelligentsia* teria adquirido seus conhecimentos por meio de um labor intelectual “extraordinário”, graças aos seus “dons excepcionais”. Os operários não têm mais dificuldades para demonstrar que todas as riquezas, assim como todos os conhecimentos, são obtidos pelos amos por meio da pilhagem, e que, em conseqüência, trata-se somente de tomar o dinheiro que se encontra nos bolsos dos amos, para que todos os homens se tornem também dotados e inteligentes como a muito sabida *intelligentsia*.

Os operários não vão deixar de provocar suas greves econômicas. Eles atacam não apenas os capitalistas mas também a *intelligentsia*. Tendo aumentado seus salários a expensas das riquezas dos milionários, os operários imporão a redução de todas as rendas privilegiadas dos intelectuais, para permitir a melhoria de seus próprios salários. O salário dos operários atingirá, então, o nível de renda dos intelectuais. Os filhos dos trabalhadores manuais terão assim os mesmos recursos para se instruir que os filhos dos “colarinhos brancos”. Mal ou bem, os estabelecimentos comuns de ensino serão instaurados para todos, e a escola deixará de educar como agora, a uns para fazê-los escravos, a outros para fazê-los amos. Todos virão a ser inteligentes, ninguém mais será forçado a ocupar o lugar de trabalhador manual, verdadeira condenação por toda a vida, ninguém mais será explorado.

Os socialistas têm por hábito resolver muito facilmente a questão de saber como os operários, condenados à incultura, possuirão um dia toda a cultura e os conhecimentos. Desde que os operários tenham camaradas tão inteligentes e fiéis como os intelectuais, tudo desenvolver-se-á muito bem. É suficiente que os operários fomentem uma revolução contra os capitalistas e os governos atuais, e então os sábios camaradas ajeitarão tudo para melhor. Não haverá nenhuma humilhação, nenhuma opressão em que um seja pedreiro e o outro professor, tal como antes, isso pouco importa, pois os sábios camaradas, na medida de suas forças e do possível, partilharão tudo, fraternalmente, com os pedreiros.

Todavia, durante o século passado, os operários já por inúmeras vezes fomentaram a revolução para a qual os conclamavam os socialistas: a luta “contra os capitalistas e os governos que os protegem”. O que resultou disso? Como se exprimia o amor fraterno dos “proletários instruídos” pelos proletários não instruídos? Eis como. Era suficiente que os governos tradicionais fizessem uma concessão à *intelligentsia*, sob a pressão dos operários, para separar, destes camaradas sinceros dos operários, uma camada já preparada de intelectuais – entre os mais ousados – para ocupar os postos governamentais e gerar um poder forte, muito mais feroz que o dos velhos tiranos.

A repressão mais conhecida deste tipo é o famoso esmagamento da insurreição dos operários parisienses em junho de 1848.

A cada momento, depois de tais acontecimentos, os socialistas apressam-se para camuflar o sucedido. Não são verdadeiros intelectuais, são os traidores, os burgueses, dizem eles, indicando então a parte da *intelligentsia* que está sempre revoltada e a que se dá o nome de socialista, porque ela ainda não teve tempo de chegar ao poder. (O que não lhe impedirá amanhã de repetir a mesma traição,

o mesmo embuste.) Eis a verdadeira *intelligentsia*, admiram-se os socialistas: trabalhadora, socialista, proletarizada!

Já mais de uma vez, a *intelligentsia*, que subia ao poder pela intermediação de uma de suas camadas, revelou-se em seguida uma ávida negreira, maquiavelicamente hábil e feroz nas suas repressões, e de resto, tudo segundo as explicações socialistas, dos “intelectuais em geral”, que “não tomam parte” na pilhagem, apresentando-se como os melhores amigos dos trabalhadores.

Os utopistas pensavam que o regime socialista realizar-se-ia imediatamente, aqui mesmo; os socialistas sabem que não se realizará tão depressa.

Porém, este regime ideal não somente não se realizará tão depressa, mas não se realizará jamais! Com efeito, basta refletir na dificuldade de os operários adquirirem, antes do advento do regime socialista, com suas miseráveis rações, todos os conhecimentos indispensáveis para administrar a produção e a vida social em geral. Isto é, todo o saber que se acumula durante os séculos, e que se encontra nas mãos do mundo instruído, ensinado em todos os institutos, universidades e academias imagináveis. Para a aquisição da mais ínfima parte desses conhecimentos, de uma só especialidade da *intelligentsia* burguesa, ela envia seus filhos a estudar durante toda sua infância e juventude.

Os operários deveriam, pois, aprender todas as ciências, por meio de esforços sobre-humanos, durante as festas, nos momentos de lazer ou durante a noite, depois de sua penosa jornada de trabalho, com a ajuda dos sindicatos operários tolerados pela burguesia.

Esperar que os operários, condenados à incultura por suas miseráveis condições de vida e de trabalho, possam se tornar capazes de dirigir a produção e organizar a vida social, significa garantir aos exploradores uma vida tranqüila por toda a eternidade.

Os socialistas gabam-se de ter posto, contrariamente aos padres, o reino celeste sobre a terra. Não têm razão. O paraíso socialista terrestre está tão distante e inacessível aos homens vivos, como qualquer paraíso póstumo.

Biblioteca Anarquista



Jan Wacław Machajski
A Conspiração Operária
1908

Adquirido em 07/08/2024 de
<https://www.marxists.org/portugues/machajski/1905/mes/intelectuais.htm>

bibliotecaanarquista.org